

## RESENHA BIBLIOGRÁFICA (\*).

---

TOYNBEE (Arnold J.). — *O Mundo e o Ocidente*. Tradução brasileira do original americano "The World and the West", por Brenno Silveira. São Paulo. Editôra Nacional. 1955. 133 pp.

Este pequeno volume contém seis estudos referentes a: 1. — A Rússia e o Ocidente; 2. — O Islão e o Ocidente; 3. — A Índia e o Ocidente; 4. — O Extremo Oriente e o Ocidente; 5. — A Psicologia dos Contendores; 6. — O Mundo e os gregos e romanos.

Só pelo enunciado dos capítulos podemos ver o interesse que a leitura desse livro desperta, pois até uma tradução brasileira foi feita, apesar de muitas das nossas editôras hesitarem em estampar livros dessa natureza para um meio cultural tão restrito como o nosso. Fazemos votos para que, com a criação de tantos estabelecimentos de ensino superior no Brasil, assuntos dessa natureza possam ter maior e melhor acolhida entre nós.

A obra é interessante pelo estudo que o Autor faz das duas mentalidades em choque: a do Ocidente e a do Oriente (inclusive a Rússia). Ele nos mostra como gregos e romanos impuseram a sua civilização aos habitantes do Mediterrâneo e como houve reações por parte de algumas das velhas civilizações (o caso de Israel é típico). Mostra também o impacto da civilização ocidental no mundo islâmico e na Índia, da Idade Média aos nossos dias. Examina ligeiramente o caso dos Ocidentais no Japão e na China na época dos descobrimentos.

Da leitura dessa obra ficamos com a noção de como os orientais reagiram ao impacto técnico-industrial da nossa civilização. Essa reação ainda continua, pois, uma imensa revolução está se processando no Oriente ante os nossos olhos. O Extremo Oriente, o Islão e África reagem, e dessas lutas deverá sair o mundo de amanhã, em que ambas as partes cederão um pouco em benefício da coletividade humana.

Nesse livro o Autor não trata da América indígena em face da invasão européia. As culturas índias não puderam resistir, mesmo em lugares em que estavam mais evoluídas (Perú e México por exemplo). Vergaram, mas não quebraram ao sôpro avassalador da cultura européia. Nota-se hoje na aculturação dos índios da América

---

(\*). — Solicitamos dos Srs. Autores e Editôres a remessa de suas publicações para a competente crítica bibliográfica (*Nota da Redação*).

aquilo que conservaram da sua velha civilização e aquilo que aceitaram da nossa. O Oriente, detentor de velhas civilizações milenárias, fará o mesmo: aceitará apenas o que lhe convier.

Podemos ver também como velhas civilizações que não puderam ou não souberam adaptar-se na luta pela vida desapareceram. Mas sôbre as suas ruínas levantaram-se novas civilizações que aproveitaram parte das velhas culturas que tombaram.

Concluindo, recomendamos vivamente o presente livro, principalmente à atenção e à meditação dos nossos jovens estudantes que assim verão as raízes de fatos que são da História dos nossos dias e que êles poderão ver ainda em plena frutificação no futuro.

E. SIMÕES DE PAULA

\*

CHAUNU (Huguette e Pierre). — *Séville et l'Atlantique* (1504-1650). Tomos I, II e III. 1955. in 8.º, XV+322+603+572 pp. 12. cartas.

“Ce n'est pas sans fierté, — escreve Lucien Febvre no início do livro que traz o título de *Séville et l'Atlantique* — que je vais signer ces deux mots de Préface et inscrire mon nom sur l'amas prodigieux de richesses que, successeurs pacifiques et désintéressés des *Conquistadores*, nous rapportent des Indes fabuleuses Pierre et Huguette Chaunu, auteurs indissolubles et, si je puis dire, en exauçant leur vœu, auteurs indiscernibles d'un classique de l'Histoire. L'honneur est grand pour moi, l'honneur est rare: si peu de nos livres sont assurés, avant même d'avoir fait leurs premiers pas dans le monde, de pouvoir braver le temps! Mais les neuf volumes de *Séville et l'Atlantique*, fruit d'un labeur aussi heureux qu'acharné, sont assis maintenant dans la certitude. Ils dureront tant qu'il y aura sur terre des amants de la vie assez passionnés pour que leur existence propre et celle de leurs contemporains immédiats ne suffise pas à étancher leur soif de l'homme et de ses oeuvres. Il leur faut le recul des générations et, comme disait cet autre, la légende des siècles: mais une légende vraie”.

Uma tal apresentação, pelo mestre da historiografia francesa dos nossos dias, tira-nos as palavras que poderiam servir-nos para dizer os nossos sentimentos diante do pedido que nos fez Pierre Chaunu para assinalar seu livro aos amigos da *Revista de História* e do Brasil. Dizemos amigos não somente pela nossa afeição aos colegas de São Paulo, acrescida por seis anos de “saudades”, mas também pela amizade que soube criar em tôrno de si, tanto pelo livro como pelos contactos pessoais, um trabalhador feliz que o sucesso concedido aos grandes talentos deixou jovem e sem preconceitos.

Uma das mais agradáveis características do nosso sistema universitário francês é aquela que dá a numerosos de seus professores, na idade em que êstes começam sua carreira e se casam, a recompensa, e o encorajamento de suas belas viagens ao estrangeiro. Acontece também ser êle “feliz” no mesmo sentido em que se dizia